

2006-02-05 REUNIÃO EM CARCAVELOS

Caros Amigos,

Há uma semana atrás, escrevi um texto (o quarto sobre o mesmo tema) no qual tentava partilhar as minhas esperanças, os meus receios, a minha sensibilidade sobre o que está passando nas reuniões que têm tido lugar, num hotel de Carcavelos, promovidas pela FPA, entre algumas das diversas sensibilidades ou grupos de Aikido existentes em Portugal.

Não vou repetir o que neles afirmei. Quem estiver interessado em seguir este assunto (obviamente, a minha opinião sobre ele), poderá consultar os textos que estão nesta secção, mais abaixo e por ordem cronológica.

Temo que o presente texto seja curto demais para a importância de que se reveste. Mas não pode ser maior porque não estive presente na reunião, nem ninguém me fez chegar às mãos, enquanto membro da Direcção da ACPA, qualquer resumo dos assuntos tratados (e eventualmente decididos), nem sequer do ambiente em que decorreu. Mas, afinal, o que é que sucedeu? Bem, isso é outra história... Vamos aos factos.

A reunião, a quinta, estava marcada para as 15h00, no tal hotel. A essa hora, responsabilmente, cheguei. Estavam já presentes quase todos os habituais participantes, no lobby, aguardando a chegada dos Senhores Presidente e Vice-Presidente da FPA, para que se pudesse iniciar a dita reunião, já que elas têm sido por eles presididas, individualmente ou em conjunto. O tempo foi passando, os presentes começaram a perguntar o que se passava, foram tecidos alguns comentários jocosos acerca da pontualidade portuguesa, em clima de boa disposição e de descontração.

Mas tudo tem limites. Quando se passaram 20 minutos, os tais comentários jocosos passaram a declarações de intenção de abandono se, até às 15h30, nada se passasse, se não houvesse uma qualquer comunicação. Às 15h35, eu levantei-me e disse que me ia embora. E fui... Comigo, saíram também alguns dos presentes. Às 15h45, já quase à porta de minha casa, recebo um telefonema do Senhor Eduardo Tavares que me disse

que, ele e o Presidente, estavam a caminho do hotel. Respon-di-lhe que já estava quase em casa e que não iria voltar a fazer 15 kms. para regressar ao hotel, que não compreendia a razão do silêncio durante três quartos de hora, que os telemóveis servem também para avisar que se chega atrasado, transmitindo as urbanas justificações e desculpas, enfim, dei-lhe conta do meu desagrado pela falta de consideração pelas pessoas que tinham escolhido passar uma tarde ensolarada de um domingo dentro de uma sala de hotel a discutir o futuro do Aikido, em vez de estarem a fazer outra coisa qualquer com a família ou os amigos, certamente mais agradável.

Todos os intervenientes nestas reuniões são pessoas civilizadas e que, melhor ou pior, se conhecem há anos, que já têm estado juntos no tapete, que têm, do Aikido e do seu espírito, um conhecimento avançado. São, nas suas vidas profissionais, pessoas que partilham princípios de convivência e que, socialmente todos os aplicam. Assim, houve aqui uma falha. Mais... Reputo que essa falha foi grave por ter sido praticada pela Direcção da FPA, promotora inicial destes encontros, na medida em que o está em causa é a transformação das mentalidades que possibilitará (espero...) a futura união do Aikido em Portugal, que se deseja sem predominâncias, sem tentativas de domínio, sem controles, sem dicotomias paralisantes. Espero que, mesmo com incidentes (ou acidentes) deste género, o resultado final de todo este esforço seja positivo.

Por mim, continuarei a estar presente e colaborante.

Francisco Leotte